

# **FEITOS “GLORIOSOS” RELEMBRADOS, MORTES RECOBERTAS: A MEMÓRIA DA GUERRA DE CANUDOS NA IMPRENSA DE PERNAMBUCO (1897-1940)**

Moises Diniz de Almeida

**RESUMO:** O artigo é um desdobramento da tese de doutorado, que versa sobre as narrativas da Imprensa de Pernambuco sobre movimentos sociais religiosos, tomando por base as reverberações do conflito de Canudos sobre os movimentos do Contestado, Caldeirão e Pau de Colher. Tendo por base essa pesquisa, resolvemos elaborar esse artigo, ancorando-se na imprensa de Pernambuco, como fonte principal, enxergando-o a partir daí os sentidos das narrações, compostas de expressões, frases e palavras, determinando os signos e símbolos, criados em torno da memória de Canudos. As rememorações se inscreveram na narrativa sobre o conflito dos sertões, em datas que marcaram as catástrofes da guerra e especialmente quando da passagem do Euclides da Cunha por Recife. Para verificar quais foram esses sentidos, utilizamos a análise de discurso, que nos ajudou a compreender os fatos, na medida em que houve uma integração entre o escrito manifesto, o que estava visível e invisível no texto. Ao longo desta pesquisa, pudemos perceber como é importante trabalhar com a fonte jornalística, e compreendemos que as letras, as colunas, os fatos, são também a história. Entretanto, nem todos leem a história contada pelo historiador, podendo ficar perpassados os fatos construídos pela imprensa, que produz seus sentidos sobre misticismos, fanatismo, jaguncismo, violência e a imagem caricatural do sertanejo, especialmente, quando foram novamente reverberados os eventos que marcaram a Guerra de Canudos.

**PALAVRAS –CHAVE:** Canudos. Imprensa. Sertão. Memória.

**ABSTRACT:** The article is an extension of the doctoral thesis, which deals with the narratives of the Pernambuco Press on religious social movements, based on the reverberations of the Canudos conflict on the Contestado, Caldeirão and Pau de Colher movements. In reference to this research, we decided to prepare this article which has the Pernambuco press as its main source, so that it could be possible to find in it the meanings of the narratives, composed of expressions, phrases and words, that determine the signs and symbols, created around the memory of Canudos. These memories were inscribed in the narrative about the conflict, on the dates that marked the catastrophes of the war and especially when the Euclides da Cunha passed through Recife. To verify what these meanings were, we used discourse analysis, which helped us understand the facts, as there was an integration between the writing itself, what was visible and invisible in the text. Throughout this research, we were able to realize how important it is to work with journalistic sources, and we understand that the letters, the columns, the facts, are also the history. However, not everyone reads the history told by the historian, and the facts constructed by the press, which produces its meanings about mysticism, fanaticism, jaguncism, violence and the caricatural image of the countryman, can be overlooked, especially when the events that marked the War of Canudos are discussed.

**KEYWORDS:** Canudos. Press. Sertão. Memory.

## INICIANDO

“Arrasado e destruído Canudos, o mal não se extinguiu.”  
(DIÁRIO DA MANHÃ, 15/01/1935)

Essa citação é de 1935, quase quarenta anos depois da Guerra de Canudos. Mesmo arrasado e destruído, a assertiva asseverava que “o mal continuava a existir no sertão”. Ou seja, Canudos continuava sendo a representatividade do mal, aliado a outros fenômenos, como é o caso do cangaceirismo, objeto principal da notícia da qual extraímos o excerto da citação. Mas, realmente, como foi rememorada a Guerra de Canudos? Quais foram as lembranças e comemorações realizadas nos cinquenta anos após aquele grande conflito? Essa é a proposta deste artigo, resultado da nossa pesquisa para a Tese de Doutorado que versou sobre movimentos sociais religiosos tendo como referência a narrativa de Canudos<sup>1</sup>. Lembro que a investigação ocorreu na imprensa de Pernambuco e com base em notícias, editoriais e artigos que foram publicados ao longo dos anos que sucederam o conflito, utilizando como esteio principal a análise de discurso, é que elaboramos essa assertiva. Todo o processo teórico e metodológico, poderá ser consultado na introdução da nossa Tese, referenciada na primeira nota de rodapé.

## CANUDOS REVIVIDO

Voltemos ao ano de Guerra de Canudos, quando várias homenagens aconteceram no país inteiro, especialmente em Pernambuco, onde residia o general Arthur Oscar, comandante em chefe vitorioso. Após o conflito, o que mais chamou a atenção da imprensa em Pernambuco, em 1897<sup>2</sup>, foi o assassinato, no dia 05 de novembro, do Ministro da Guerra Marechal Machado Bittencourt no Rio de Janeiro, num plano dos opositoristas para acabar com a vida do Presidente da República Prudente de Moraes<sup>3</sup>. Após esse episódio, as lembranças sobre a Guerra sertaneja voltaram à imprensa pernambucana, em fevereiro de 1898. No dia 09, o *Diário de Pernambuco* e o *Jornal do Recife* noticiaram que a Maçonaria pernambucana entregou uma honra ao General Arthur Oscar, na quantia de um conto e quatrocentos mil réis, arrecadados em favor das viúvas e órfãos dos soldados mortos em Canudos. A essa quantia, segundo a informação, seria somado mais um conto e seiscentos

1 Para que não hajam novos Canudos: A imprensa de Pernambuco e suas narrativas sobre o Contestado, Caldeirão e Pau de Colher. Recife: UFPE, 2022.

2 Nas referências bibliográficas não aparecerá o registro de busca eletrônica dos jornais, devido as informações terem sido transcritas em 1999, quando ainda não estavam digitalizadas.

3 O Ministro da Guerra junto com o Presidente da República tinha ido receber as tropas que combateram em Canudos, quando num atentado, foi assassinado. Sobre esse fato escrevi um texto sob o título “Canudos e a derrota dos jacobinos”, que já está publicado na Revista Perspectivas Latinoamericanas, v.1, p. 145-160, 006.

mil réis<sup>4</sup>, excesso de arrecadação dos festejos, que foram distribuídos numa festa cívica no Teatro Santa Isabel.

No dia 15 do mesmo mês, o *Jornal do Recife* trouxe excerto do livro inédito de Euclides da Cunha, que seria lançado, um pouco mais tarde, em 1902. Estamos falando da obra *Os Sertões*, que, por muito tempo, tornou-se uma espécie de Bíblia sobre Canudos. Transcrevemos parte da notícia, destacando a forma como foi caracterizado o sertanejo, com a tônica preconceituosa, alimentada pelas teorias racialistas daquele período.

... Assim, o sertanejo é um forte, cuja energia contrasta o raquitismo exaustivo dos mestiços elevados do litoral. Surge naquelas paragens e com a feição firmemente acentuada de um Lidador enérgico. A sua aparência, ao primeiro lance de vista revela o contrário. Não tem a plástica impecável, o desempenho, as linhas e elegante dos lutadores antigos. É sem elegância e desengonçado. O andar sem firmeza, sem o aprumo dos organismos vigorosos, é quase gigante e sinuoso aparentando a translação de membros desarticulados; e a postura normalmente indolente, semi-curvada, manifesta uma displicência perene. (CUNHA apud DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 15/02/1898).

Nessa parte da transcrição do texto de Euclides da Cunha, podemos observar a influência das teorias racistas a partir das seguintes expressões: “Raquitismo exaustivo do mestiço”, “sem elegância, desengonçado”, “sem o prumo dos organismos vigorosos”, “membro desarticulados”, “postura normalmente indolente, semicurvada”. Dessa forma, construía-se a imagem do outro, caracterizado como desigual e inferior.

A pé, quando parado, recosta-se sempre ao primeiro móvel ou parede que encontra; a cavalo, quando sofria um animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo, novamente e sobre um dos estribos, descansando sobre a sela! marchando, ainda quando a passo acelerado, não traça nunca uma trajetória retilíneo, avança vertiginosamente, inundando o levar persistente; e se destaca, para enrolar um cigarro ou travar o longa conversa com o amigo, põe-se de cócoras quase sempre, atravessado largo tempo numa posição de equilíbrio instável, suportando apenas pelos dedos dos pés, sentado por assim dizer sobre os calcanhares e, numa simplicidade a adorável e ridícula a um tempo. (CUNHA apud DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 15/02/1898).

Euclides da Cunha constrói signos e significados sobre o sertanejo e, em sua narrativa preconceituosa, assevera que não traça uma linha reta, observando, inclusive, a sua postura em permanecer de cócoras. Quando descreve a simplicidade do sertanejo,

---

<sup>4</sup> Pesquisamos no *Jornal do Recife* do dia 09 de fevereiro de 1898, e vimos que os 3 Contos de Réis que recebera o General Arthur Oscar, eram equivalentes a seis prêmios da loteria federal, no valor de quinhentos mil réis cada. (O valor de quinhentos mil réis era o maior prêmio da loteria federal). No site: <https://pt.quora.com/Quanto-valeria-hoje-em-dia-em-reais-o-conto-de-r%C3%A9is>, encontramos uma conversão que indica que 01 Conto de Réis equivaleria atualmente a R\$ 123.000,00.

considera-a adorável e ridícula, indicando desde já, como seu seria seu futuro livro, cheio de ambiguidades, fato corroborado, por exemplo, numa frase de *Os Sertões*, quando apresenta Antônio Conselheiro como um grande homem, às avessas.

**Grande homem pelo avesso.** Paranóico indiferente, este dizer, talvez, mesmo não lhe possa ser ajustado, inteiro. A regressão ideativa que patenteou, caracterizando-lhe o temperamento vesânico, é, certo, um caso notável de degenerescência intelectual, mas não o isolou — incompreendido, desequilibrado, retrógrado, rebelde — no meio em que agiu. (CUNHA, 1984, p. 67, grifo nosso).

As vitórias sucessivas dos conselheiristas sobre as tropas levaram muitos autores a acreditarem que eles eram jagunços, treinados, havia tempo, para defender os coronéis. Os sertanejos iam sendo estereotipados, seguindo uma característica da época que, como já citamos, levava em consideração as bases teóricas raciais. Nisso, Euclides da Cunha consegue reverberar algumas vezes em seus textos, como vemos expresso na citação a seguir:

O jagunço destemeroso, o tabaréu ingênuo e o caipira simplório serão em breve tipos relegados às tradições evanescentes, ou extintas. Primeiros efeitos de variados cruzamentos, destinavam-se talvez à formação dos princípios imediatos de uma grande raça. Faltou-lhes, porém, uma situação de parada, o equilíbrio, que lhes não permite mais a velocidade adquirida pela marcha dos povos neste século. Retardatários hoje, amanhã se extinguirão de todo. (CUNHA, 1984, p. 01).

A presença do jagunço em sua obra e uma descrição minuciosa sobre seus aspectos físicos, revelam a permanência da teoria racial nas diversas representações dos sertanejos, seja em notas preliminares para livros, artigos reproduzidos na imprensa e, até mesmo, nas notícias cotidianas.

O tema racial, neste sentido, representou um argumento de sucesso para o estabelecimento de diferenças sociais, uma vez que a interpretação pessimista da mestiçagem e a cópia do modelo de pensamento europeu – que legitimava as diferenças e desigualdades raciais, justificando seu domínio sobre os demais povos – aplicadas ao contexto nacional, marcaram o final da monarquia e os impasses da República Velha. (WOITOWICZ, 2015, p. 87).

Cunha dedicará um capítulo de seu livro sobre o título “a gênese dos jagunços” e reproduzirá a palavra jagunço cento e oitenta vezes, revelando, com isso, o que viria a ser

um dos personagens centrais de sua obra<sup>5</sup>. No decorrer deste artigo, voltaremos ao tema Euclides da Cunha, pois ele será noticiado pela imprensa pernambucana, em ocasiões do lançamento de *Os Sertões*, de suas passagens por Recife e, especialmente, quando ele foi assassinado no Rio de Janeiro.

Continuemos a descrever as informações que foram sendo veiculadas na imprensa de Pernambuco, quando o tema dizia respeito a Canudos, seguindo um formato linear. No dia 04 de março de 1898, foi a vez de o jornal *Gazeta da Tarde* relembra a derrota da terceira expedição e a morte do coronel Moreira César. O articulista culpava o então Governador da Bahia Luiz Viana, por ter enviado falsas informações ao governo federal acerca da quantidade de conselheiristas prontos para a batalha.

Queremos bem à memória sacratíssima de todos esses distintos, campeões valentes da república, que chora inconsolável conosco a catástrofe que enlutou o coração da pátria. Infames; roubaste-nos os homens, mas baldamente vos atireis sobre as ideias que aqueles vultos defendiam e porque sucumbiram, deixando aos contemporâneos um exemplo sublime e correndo ao ocupar os lugares que eles estavam reservados na galeria dos grandes heróis. (GAZETA DA TARDE, 04/03/1898).

Nessa mesma matéria, foram publicadas duas poesias em homenagem ao coronel Moreira César, escritas por Henrique Soído, escritor que tinha suas poesias publicadas, especialmente pelo *Jornal do Recife* e foi lembrado por Manuel Bandeira quando escreveu para Mário Sette na oportunidade do lançamento do livro *Arruar*. Transcrevemos a seguir uma das poesias de Soído, pois é um registro importante acerca do “comandante corta cabeças” Coronel Moreira César, que não tinha sido esquecido por alguns admiradores na capital pernambucana:

Hoje ao passar-se nos sertões baianos,  
Neste covil de seres desumanos,  
De canudos logar,  
Ver-se-á uma tosca Cruz depinho,  
Enterrada na beira de um caminho,  
Uma campa a marcar.

É neste logar entre os espinhos,  
Onde saltam contentes passarinhos

---

<sup>5</sup> Rui Facó na obra “Cangaceiros e Fanáticos” faz uma conceituação importante e esclarecedora sobre quem era o jagunço sertanejo. Ele afirma que se existiam cangaceiro e fanáticos, eram resultado da decadência do sistema socioeconômico que tinha no latifúndio semifeudal seu eixo principal. O latifúndio reduzia a população do sertão ao isolamento, ao imobilismo social e ao atraso econômico. Como resposta a essa situação, havia constantes rebeliões. Daí surgirem eventos tais como os de Canudos, Padre Cícero entre outros.

Dar tardes no arrebol,  
Que dorme e este gigante endeusado  
No pavilhão da pátria amortalhado:  
Que descambou um sol. (GAZETA DA TARDE, 04/03/1897).

Passado um ano da vitória sobre os conselheiristas, os jornais pernambucanos reviveram a data. O periódico, que mais foi enfático na lembrança do dia 05 de outubro, foi o *Gazeta da Tarde*, que tituló sua matéria seguindo os mesmos preceitos que defendera naquele fatídico episódio: “A vitória da República”. Para o jornal, a luta foi improdutiva, cruel, perversa, perniciosa e ingrata. A guerra, segundo eles, foi produto da superstição e da ignorância de “meia dúzia de infelizes” que, unidos a criminosos aventureiros, teve a incúria do governo, que utilizava o conflito para vinganças políticas. Percebemos, que ainda estava reverberando as questões políticas partidárias, já ressaltadas em outros artigos que publicamos.

A vitória do governo sobre Canudos incomodava setores da oposição, que viam fracassar seu projeto de comandar o país a partir das eleições de 1898<sup>6</sup>. Ao criticar o governo, o articulista atribuiu ao Exército a defesa e a estabilidade das instituições “porque é e será sempre uma glória por defender a república”. São compreensíveis essas afirmações do *Gazeta da Tarde*, pois sempre defendeu o exército em suas posições políticas. “O modo como os jornais produzem sentido, angulam e contextualizam os agentes envolvidos reflete a própria essência do jornalismo: construir significados (variados e até mesmo contraditórios) pelo discurso”. (WOITOWICZ, 2015, p. 125).

O jornal, recordando as denúncias que foram feitas contra os combatentes das forças armadas, logo após a sua vitória sobre os conselheiristas, tentava novamente justificar os assassinatos, que foram denunciados por alguns órgãos de imprensa logo após o término do conflito.

Que importa que sejam irmãos os que se rebelam, que tenham nascido debaixo do mesmo céu azul e estrelado, e fossem abrasados pelos mesmos raios de sol, quando estão em jogo os interesses nacionais, quando periclita a nossa honra, o nosso nome, o nosso crédito de povo civilizado e livre? Que importa que sejam irmãos, quando não tem estes a intuição do justo, a mínima noção do bem público? Que importa que sejam irmãos quando são uns transviados, uns obscurecidos os que atentam contra a paz, a felicidade das famílias, a segurança

---

6 Em 1897 ocorreram as articulações para as eleições presidenciais que aconteceriam em 1898, tendo havido um racha do Partido Republicano Federal. Um grupo se juntou aos militares e estava fazendo campanha para o fim do governo civil no país, inclusive utilizado Canudos como possibilidade de influência no processo sucessório. Em 05 de novembro de 1897 a ala mais radical desse grupo, resolveu assassinar o Presidente da República, quando do retorno das tropas que combateram Canudos. Nesse dia, Prudente de Moraes foi receber os militares e na tentativa de assassiná-lo, terminam matando o ministro da Guerra Marechal Bittencourt. Esse fato, selou de vez a tentativa da oposição de ganhar a eleição. Mais informações em: ALMEIDA, Moisés Diniz de. Canudos e a derrota dos jacobinos. *Perspectivas Latinoamericanas*, v.01, n. 03, Centro de Estudios Latinoamericanos, Universidad Nanzan, Nagoya, Japón, 2006, p. 145-160.

individual? Pelo fato de serem irmãos, da mesma raça, que do mesmo sangue, não deixam de ser punidos energeticamente os criminosos, os que constantemente violam as normas sociais. (GAZETA DA TARDE, 05/10/1898).

Para o articulista, os assassinatos foram resultado do cumprimento do dever patriótico do Exército Brasileiro, que esmagou “para sempre assertiva venenosa, a hidra do fanatismo bárbaro, junto à exploração bastarda do partidarismo reacionário, que cumpriu sem reboços e sem medo, altivamente, dignificadamente”. (GAZETA DA TARDE, 05/10/1898). Esse é o pensamento de parte da elite brasileira e foi constatado em todos os movimentos sociais que foram debelados pelo governo, segundo nossas investigações.

O Jornal fez questão de exaltar o General Arthur Oscar, comandante da quarta expedição, bastante criticado, quando das denúncias que foram publicadas contra ele na imprensa nacional em 1897. Lembramos que o General autorizava a famosa “gravata vermelha”, morte por degola, de muitos conselheiristas, mesmo após a rendição.

As pedradas não atingiram o alvo, e a sua individualidade altaneira ficou sempre a cavaleiro, ficou sempre de pé, inabalável e firme com um momento e nilótico, sereno e digno, destemido e calmo. Glória, pois, para a ele, que esmagou a rena pavorosa do maragatismo<sup>7</sup>. (GAZETA DA TARDE, 05/10/1898).

Por sua vez, *A Cidade* disse que completava naquele dia um ano em que a legalidade fez voltar a integridade da República, um pedaço da Bahia, pois devido a um fanático, houve uma revolta contra a mãe pátria. Para o articulista, o que foi a luta de Canudos, ainda, seria impressa na memória de todos. Liberdade e justiça foi o sinônimo do massacre sobre os conselheiristas:

Muito sangue de heróis, muitas vidas preciosas que foram ali regar os nosso dos Campos sertanejos, mas essas vidas e sangue derramado hão de fazer eternamente desaparecer o estupendo fanatismo daquelas plagas onde o nome da república ecoará de quebram em quebra, fazendo a magnífica apoteose do exército brasileiro. Naqueles serros alterosos, naquelas quebradas abruptas que de heroísmos, não se deram que glórias foram conquistadas! Nem a fome, nem a bala fratricida inesperada fizeram inutilizar as nossas falanges patrióticas que ali naqueles inóspitos campos plantaram a liberdade e à justiça, fazendo voltar à pátria estremecida uma grande parte do torrão natal. (A CIDADE, 05/10/1897).

Na coluna “Revista Diária”, o *Diário de Pernambuco*, do dia 06 de outubro, também lembrou a vitória das forças legais sobre os conselheiristas, dando conhecimento de uma parada militar ocorrida pelas principais ruas do Recife em comemoração ao feito, no

---

<sup>7</sup> O maragatismo é uma denominação pejorativa para os participantes da revolução no Rio Grande do Sul em 1893.

dia anterior. Da mesma forma, o *Jornal do Recife*, no mesmo dia, fez publicar o que ele chamou de passeio militar, sob o comando do General Arthur Oscar, ao som de músicas “com a melhor ordem e disciplina”.

Como citamos anteriormente, o *Gazeta da Tarde* foi o que mais deu espaço para as comemorações de um ano sobre a vitória das forças legais contra Canudos. Nos dias 06 e 07 de outubro, o periódico destacou as homenagens que o General Arthur Oscar recebeu, bem como os telegramas enviados ao comandante, o desfile ocorrido, entre outros acontecimentos. O jornal era oposição ao governo de Prudente de Moraes, então presidente da República, que encerraria o mandato no dia 15 de novembro daquele ano; por isso, fez publicar a seguinte poesia, faltando cerca de oito dias para o mandatário deixar o cargo.

Contando...

Só faltam 8, Prudente,  
Prudente, só faltam oito;  
fa-ze de amigo parente  
É parte tem biscoito.

Quem dera que dissesse,  
Que eu dissesse, que alegria!  
Prudente! Prudente! desse,  
Eis que enfim chegou teu dia. (GAZETA DA TARDE,  
07/10/1898).

Em 16 de novembro, o *Gazeta* se lembrou de uma ordem do dia, do comandante do Segundo Distrito Militar, general Arthur Oscar, em comemoração ao nono aniversário da República. Mais uma vez, ficava demonstrada, explicitamente, o apoio desse jornal ao comandante da quarta expedição contra Canudos, que, até aquela presente data, não tinha recebido a promoção para o posto maior das Forças Armadas. Segundo algumas informações, por conta de divergências políticas, a solicitação da promoção não foi atendida pelo Presidente da República.

Em 1899, o *Diário de Pernambuco* e o *Jornal do Recife* voltaram a lembrar a data da tomada de Canudos. Na seção “Revista Diária”, o *Diário de Pernambuco* informou que as forças estaduais iriam fazer um passeio pela cidade sob o comando do Coronel Serra Martins, alusivo ao dia da vitória. Por sua vez o *Jornal do Recife*, no mesmo dia 05 de outubro, também publicou, em duas sessões, notícias sobre o passeio militar. Em 06 de outubro, o *Jornal do Recife* informou aos seus leitores que “não passou despercebido entre

nós segundo o aniversário da tomada de Canudos, onde os fanáticos auxiliados pelos inimigos da república se acastelaram com um louco proposto de derrocar as instituições do país”. A notícia faz um relato das comemorações ocorridas no Recife e afirma que “as ruas por onde desfilaram as tropas achavam-se juncada de povo. Eis como nesta capital foi comemorado o brilhante feito dos civis dos defensores da república”. O *Diário de Pernambuco* também fez um breve relato do ocorrido no dia anterior.

Entre os anos de 1900 e 1902, não registramos mais notícias especificamente sobre Canudos nos principais jornais publicados no Recife. Parecia que o evento estaria sendo, aos poucos, esquecido pela imprensa. Mas, na véspera do Natal de 1902, o *Diário de Pernambuco* estampou uma notícia, dando publicidade ao lançamento do livro de Euclides da Cunha *Os Sertões*, revivendo, então, a temática, que ficara sem lembranças por dois anos.

O periódico afirmou que é um livro superior, erudito e de escritos cheios de observação. Apesar de ter setecentas páginas, o jornalista enuncia que seu tamanho pode parecer que será uma obra de pequenos pormenores, mas não é. A narrativa jornalística coloca a psicologia do sertanejo, com seu meio, seu modo de viver, dos cruzamentos de que ele proveio, até à sua mentalidade, inteligência, sentimento e vontade, reproduzindo os discursos racialistas de então. Woitowicz (2015, p. 135) salienta que essas narrativas vão “formando opiniões, registrando combates e incitando decisões de interesse público; o jornalismo interfere no cotidiano e não apenas escreve, mas também lê, complementa e movimentando a realidade, oferecendo e construindo sentidos na história.

Baseando-se na leitura de *Os Sertões*, pela primeira vez, o *Diário de Pernambuco* admite que o conflito no sertão não foi por causa de um movimento político, como estava estampado nos editoriais daquele fatídico ano, em referência às acusações de que Canudos queria restaurar à Monarquia. Foram precisos mais de quatro anos para reconhecer que a guerra do sertão não lutava pelo antigo regime.

Depois de ter exposto o que eram os jagunços e mostrando assim que a empresa do conselheiro não foi um movimento político e, assim, uma das numerosas prédicas místicas que, a todo momento nascem e se extinguem nem sertões, o autor nos pinta a campanha de canudos. As páginas que ele escreveu a esse respeito são maravilhosas. Leia-se febrilmente, com tristeza o com indignação, mas lêem-se de um jacto. A gente sente, vê, houve... (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 24/12/1902).

Além de essa assertiva sobre Canudos não ter a influência partidária monarquista, o jornalista apresentou a visão euclidiana de que a campanha foi um crime e afirma que “os incidentes que narra, quase sempre dolorosos e trágicos, levantam a indignação tumultuosamente dentro de nós.” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 24/12/1902). Apesar de voltar ao assunto, como se fosse uma meia culpa, não acreditamos que o jornal tenha se redimido por não apoiar as denúncias do massacre no sertão.

A matéria assinada por J. Santos reproduz várias citações do livro, para comprovar o que foi o fatídico evento do sertão baiano, que, ainda, estava por ser narrado em outras obras, especialmente por militares que participaram do conflito. A voz do vencedor foi uma tônica nessas obras que foram publicadas depois do evento. Absolutamente nada se fez ante as denúncias, que iam sendo publicadas, mesmo as que foram apresentadas no livro de Euclides da Cunha. O sangue derramado foi imenso, mas...

Canudos não se rendeu. Morreram todos os seus defensores-todos, até os últimos, que de dentro de uma grande cova atiravam há ainda contra as forças regulares. Ali mesmo ficavam. O sangue derramado foi imenso. Até os parlamentares, que se entregaram confiantes, foram degolados ou estripados! É com razão que o autor, denunciando esse triste fato, se abstenha de comentá-lo. [...] O livro extraordinário do Sr. Euclides da Cunha ficará como uma página da história, como uma lição e, infelizmente, **como um remorso**. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 24/12/1902, grifo nosso).

Já que mencionamos a imagem que Euclides da Cunha tinha sobre o sertão, vale a pena escrever alguns parágrafos sobre o tratamento que a imprensa de Pernambuco deu a esse escritor, um dos grandes representantes na interpretação de Canudos por mais de cinquenta anos, conforme lembrado anteriormente neste artigo. Cunha sempre foi uma referência quando o assunto era o conflito sertanejo, especialmente quando existiam menções à sua obra *Os Sertões*. Não queremos, louvar Euclides, temos ciência de suas contradições, mas vale a pena acompanhar a narrativa dos articulistas sobre o grande literata.

A *Província* escreveu sobre *Os Sertões* em fevereiro de 1903, numa coluna titulada “Crônica”. O texto elogiava a obra, dizendo que era um estudo da terra, do ar, da flora e a potamografia do centro do Brasil, com especial relevo para o interior da Bahia. Seguindo a mesma linha de discurso do artigo publicado no *Diário de Pernambuco*, o jornal afirmou que Euclides não se ocupou apenas em tomar nota dos combates e das cifras de feridos em mortos, dando conta também da terra, dos seus acidentes, dos seus fenômenos e do homem do sertão,

tipo ainda primitivo, rude, cheio de crendices, supersticioso e boçal, atirado de repente, face a face, contra a civilização das cidades, das grandes metrópoles da beira mar, numa luta ferrenha e titânica, feroz e sanguinolenta, na qual, se foi vencido, traçou bem funda a sua heroicidade e o seu estoicismo, em páginas terríveis de terribilíssimas pugnas. (A PROVÍNCIA, 01/02/1903).

O dito sobre o sertanejo se repete, atribuindo características há tempo utilizadas ao longo dos anos, desde que ocorreu o conflito no sertão. Woitowicz (2015, p. 101)

lembra esse “processo que funciona como elemento fundamental na representação e na reprodução dos consensos resultantes das produções discursivas repercutidas no jornal, construindo um sentido ‘natural’ para a imagem negativizada do sertanejo ao longo da história”. O jornal teceu ainda elogios à forma como foi escrito o livro, apresentando as quatro expedições contra Canudos e destacando a importância de alguns personagens da história, tanto do lado dos militares, quanto dos conselheiristas.

No dia 17 de junho de 1903, o mesmo jornal divulgava que foi eleito por unanimidade, sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Euclides da Cunha. A proposta, segundo o periódico, foi apresentada por um grupo de sócios, e o relator da comissão de sindicância, foi Afonso Celso que deu o seguinte parecer sobre a indicação:

Para dizer condignamente dos Sertões, de Euclides da Cunha, fora mister escrever longo e erudito estudo. Na impossibilidade de fazê-lo, limitamos-nos a assinalar que o aparecimento dessa obra produziu insólita sensação. Acolheu-a a imprensa com desusado entusiasmo. Aplaudiram-na, aclamaram-na, os mais severos críticos. Em breve período, esgotou-se a primeira edição. De um relance, conquistou o autor desconhecido até a véspera, lugar de primazia entre os escritores nacionais. [...] Provém o valor científico de amplos tratados geológicos, etnológicos, geográficos, psicológicos, que reúne, acerca de vasta zona do nosso país. O valor histórico está em que constitui minuciosa e interessantíssima crônica das trágicas campanhas de Canudos. Quanto ao valor moral, que sobrepuja os mais, deriva da imparcialidade, da independência, de elevação com que são aí julgados homens e fatos, verberando-se temidos potentados exaltando-se as vítimas obscuras. Em não raros trechos, Sertões apresenta o folego de soberba epopeia. Assiste a Euclides da Cunha pleno direito de ser recebido em o nosso grêmio. (A PROVÍNCIA, 17/06/1903).

Euclides, ao trazer de volta a memória de Canudos em sua obra, conseguiu tornar-se candidato a ingressar em Institutos e Academias Literárias, contribuindo, assim, com sua fama e especialmente com a sua narrativa, quase hegemônica, sobre o conflito do sertão nordestino.

Ainda em 1903, o *Diário de Pernambuco*, no dia 17 de junho, anunciava que a “Casa Laemmer & C”, do Rio de Janeiro, acabara de publicar a segunda edição do livro *Os Sertões* de Euclides da Cunha. A obra estava em plena ascensão. Em 1904, duas notícias, sobre o literato, chamaram a atenção da imprensa de Pernambuco. A primeira, publicada pelo jornal *A Província*, reproduzia um artigo de Euclides, motivado por uma expedição inglesa ao Tibet, sob o título “Transpondo o Himalaya”. A segunda informação, publicada no dia 20 de dezembro, anunciava que ele visitou a redação desse mesmo jornal, quando estava de passagem para o Acre, vindo do Rio de Janeiro, pois era chefe de uma comissão do

governo federal naquele Estado do Norte<sup>8</sup>.

No início de 1905, *A Província* reproduziu um artigo do jornal *Estado de São Paulo*, escrito por Oliveira Lima, fazendo críticas a Recife, comparando-o com Olinda, resultado de um relato da visita que Euclides da Cunha fez a esse lugar, convidado por aquele literata para um passeio na cidade. O próprio título da matéria já sugere a apreciação crítica: “Recife decadente”. O autor diz que ele junto com Alfredo Carvalho mostravam Olinda a Cunha, que ficou encantado com o cenário arquitetônico da cidade.

Se Euclides da Cunha passou por Recife quando ia para Manaus, também no retorno, a capital pernambucana foi seu ponto de parada. No final de 1905, os jornais registraram a sua presença na Veneza brasileira. “À sua passagem por esta capital, o Cenáculo Silveira oferecerá ao festejado autor d’*Os Sertões* um almoço íntimo, que se realizará no Grande Hotel Internacional.” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 17/12/1905). Nessa passagem, Cunha recebeu muitas homenagens dos pernambucanos: “O sr. Regueira Costa, presidente do Instituto Arqueológico, nomeou uma comissão composta dos drs. Pereira Costa, Arthur Muniz e Pedro Celso, para representar aquela associação no desembarque do dr. Euclides da Cunha, em sua passagem para o sul da União”. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 20/12/1905).

Em 1908, registramos a passagem do Euclides da Cunha por Recife novamente, quando veio participar da posse de Pereira da Costa no Instituto Histórico e Geográfico. Porém, foi em 1909, que muitas publicações tomaram conta da imprensa pernambucana – por que não dizer do Brasil inteiro - em decorrência do assassinato do autor d’*Os Sertões*, que aconteceu no dia 15 de agosto, sendo divulgado em Pernambuco apenas no dia 17. Destacamos algumas frases utilizadas pelos jornais neste Estado quando foi anunciado o trágico acontecimento:

Emocionante desgraça acaba de enlutar aqui toda a sociedade, enchendo de mágoa especialmente o mundo literário. (A PROVÍNCIA).

O assassinato do dr. Euclides da Cunha impressionou vivamente o espírito público. Em todas as rodas comenta-se a tenebrosa tragédia que ocasionou a perda irreparável do glorioso homem de letras. (JORNAL DO RECIFE).

A cidade está envolvida em consternação pelo assassinato do grande escritor brasileiro membro da academia de letras. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO).

---

<sup>8</sup> “Euclides fora nomeado pelo barão do Rio Branco para fazer o levantamento cartográfico das cabeceiras do rio Purus, local de conflitos envolvendo caucheiros peruanos e seringueiros brasileiros. O reconhecimento hidrográfico permitiria ao barão, ministro das relações exteriores, resolver as pendências de fronteira com o país vizinho, no que obteve êxito em 1909. Euclides da Cunha, juntamente com outras figuras letradas ilustres, frequentava o círculo literário do barão e, como aponta Nicolau Sevcenko, após o desencantamento com a república, o autor de *Os sertões* inclinou-se na direção dos “grandes homens”, dotados de energia e capacidade intelectual para conduzir a nação. O barão do Rio Branco, para Euclides, tinha esses requisitos, fator que contribuiu para a aproximação dos dois.” RIBEIRO, Fabrício Leonardo. *Cartas da Selva: Algumas impressões de Euclides da Cunha acerca da Amazônia. História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 44, p. 147-162, 2006. Editora UFPR.

A notícia da morte de Euclides da Cunha, realmente, pegou todos de surpresa. Os jornais reproduziam as notícias que chegavam do Rio de Janeiro em suas colunas nominadas “Telegramas”. O literata tinha sido assassinado por um primo de sua mulher, que, depois no decorrer das investigações, descobriu-se que era seu amante. Segundo as narrativas da imprensa, Euclides foi em busca da mulher na casa onde morava o assassino, tiveram uma discussão, houve troca de tiros e ele levou a pior, sendo atingido por quatro balas e vindo a falecer no local.

Três jornais em Pernambuco publicaram editoriais a respeito da morte de Euclides. O primeiro foi o *Diário de Pernambuco* no dia 17 de agosto, afirmando que estava se extinguindo uma das figuras mais iminentes da intelectualidade brasileira. Os elogios se faziam em função da escrita de *Os Sertões*, que para o jornal tinha infundido ritmos novos à língua portuguesa e aberto uma cortina da nacionalidade, até então desconhecida, daqueles que viviam distante dos sertões.

O aparecimento de Euclides da Cunha nas letras brasileiras revelou ao Brasil uma das suas forças, e dá orientação de sua arte viva a parte mais poderosa é aquela pela qual procura tornar conhecido o Brasil dos brasileiros de sua verdadeira nacionalidade, mostrando-lhe a sua terra, a sua população, definindo-a nos seus característicos, o anfiteatro das suas lutas nas páginas iluminadas dos Sertões. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 17/08/1909).

Segundo o editorialista, nunca na história literária tinha se registrado uma grande revolução, como a que sucedeu com o aparecimento do seu livro, que, pela primeira vez, poderia ser citada com orgulho, de ser uma obra-prima verdadeiramente nacional.

E foi com esse artista genial, o restaurador das nossas letras que uma morte sanguinolenta e trágica veio roubar a pátria brasileira! Ao choque dessa imprevista catástrofe, ela se curva entre lágrimas, chorando uma das suas glórias mais puras, mais límpidas, mais autênticas. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 17/08/1909).

Por sua vez, o *Jornal do Recife* tituló seu editorial de “O grande morto”. Para esse periódico, antes de *Os Sertões*, o que o Brasil possuía em termos de sua história, do seu povo e de sua terra, eram aleatórios, fragmentários e inodores, mas a grande obra do seu autor poderia ser comparada com *Os Lusíadas*:

Em suma como Portugal teve os Lusíadas, nós tivemos o monumento epopeico, que será sempre a nossa honra e o nosso orgulho. Com efeito, mesmo que em dia, fossemos sepultados no mapa das nacionalidades, o nosso nome sobrelevaria nele ao revés, como o grego na *Iliada*. (JORNAL DO RECIFE, 17/08/1909).

Diferente do *Diário de Pernambuco*, que citou em seu editorial apenas *Os Sertões*, o *Jornal do Recife* lembrou outras obras do escritor: *Contrastes e Confrontos* e *Peru versus Bolívia*, que revelavam pujança imprevista, numa beleza mágica de estilo de humorista em lances miraculosos.

Ah! Não vale indagar o como a estúpida morte destruidora chamou o seu triste seio o imenso espírito de Euclides. O certo é que sofremos tanto com isto como se no ferisse a retaliação do nosso território; porque foi um grande pedaço do Brasil o que a voragem devorou. Pobre e formidando Euclides da Cunha. (JORNAL DO RECIFE, 17/08/1909).

A *Província*, em sua coluna “Estudos e Opiniões”, tituló seu editorial de “Euclides da Cunha”, assinada por Gaspar Uchoa. Ele utilizou uma linguagem rebuscada, tentando se aproximar do estilo de escrever euclidiano. Referindo-se à sua morte, o editorialista falou da dor irreparável, da angústia infernal de um pesadelo multiforme, dantesco e pavoroso: “O desenlace funesto da vida de Cunha, por mais trágico que fosse, assinalou uma estrela que se extinguiu, mas cuja luz não desaparecerá, enquanto o infinito do espaço, em que giram os sistemas planetários, se medir pela eternidade do movimento”. (A PROVÍNCIA, 18/08/1909).

Para Uchoa, a obra *Os Sertões* servira de referência para falar de Euclides, poeta genial, que tinha celebrado a história do povo brasileiro, estertor de uma raça, que foi e ainda é o cerne da nacionalidade, ao narrar o desfecho macabro da guerra sertaneja.

Óh! Não perguntemos ao grande morto motivo terrível que o despenhou no abismo, sem azo para o arrependimento... Perdoamo-lo. espalhem sobre a sua cova ainda aberta, as flores intemeratas, imarcescíveis de nossa indefesa admiração... o impulso que me arrasta agora para o sofrimento é o mesmo que eu levo para a morte! (A PROVÍNCIA, 18/08/1909).

Os jornais, durante os meses de agosto e setembro, continuaram a publicar notícias do Rio de Janeiro acerca do inquérito que apurava o assassinato de Euclides da Cunha. Causou, conforme observamos, uma certa estranheza e indignação aos jornais o fato de o literata ter sido traído pela esposa e não faltaram adjetivos pejorativos em relação à conduta de sua consorte.

O ano de 1909, realmente, foi dedicado a Euclides da Cunha. Foram muitas as informações publicadas em Pernambuco a respeito desse escritor. Canudos em *Os Sertões* era revisitado, memória que teimava em continuar, mesmo que fosse pela via do trágico assassinato. Talvez a sua história se cruzasse com a de Antônio Vicente Mendes Maciel, que também foi traído pela sua primeira esposa, tendo aí uma diferença fundamental: Conselheiro resignou-se ante a traição, Euclides se destemperou, não aceitou e acabou morrendo.

Cunha teve o privilégio de contar a história de Conselheiro, sua peregrinação, seus ensinamentos e sua morte, numa magnífica obra, e o beato sertanejo, com a morte trágica do seu literata, passou a ser mais revisitado, como se tivesse “condenado” a ser conhecido na memória perpetuada dessa guerra trágica que abalou a história da República Brasileira. Olhando para esses dois personagens, não poderíamos deixar de fazer a pergunta: Qual desses dois foi, realmente, um grande homem às avessas? A história não sei se dirá.

Mas retomemos às lembranças sobre Canudos e voltemos a 1903, constatando que não passou despercebida a morte do General Arthur Oscar, que encerrou seu ciclo de vida sem a esperada promoção a Marechal. Sua conduta na Guerra de Canudos, deixando o Presidente da República sem informações ou enviando os telegramas do teatro das operações, após distribuir para a imprensa em Pernambuco, deve ter sido o motivo do seu desprestígio. Pelo que ele representou para Recife na Guerra de Canudos, entendemos que os jornais deram pouco espaço para noticiar seu falecimento. “Rio, 30 de junho. A vítima de um cancro na laringe faleceu ontem às 8h da noite o general Arthur Oscar.” (JORNAL DO RECIFE, 01/07/1903). A notícia ressaltou que o General era um dos mais queridos oficiais do Exército Brasileiro, porém, não publicou outras informações.

O *Diário de Pernambuco*, também no dia 01 de julho, na seção de desaparecidos, noticiou a morte de Oscar:

O telegrafo nos anuncia o falecimento ocorrido ontem no Rio de Janeiro do general de divisão Arthur Oscar de Andrade Guimarães. Era o morto um militar brioso e distinto. A fatalidade o acolhe em plena madureza de sua inteligência de seu labor. Quando maiores e mais relevantes serviços podia prestar ao país.

O jornal publicou sua biografia, mas não encontramos, posteriormente, nenhuma informação sobre seu funeral. A missa de sétimo dia do seu falecimento foi noticiada pelo *Jornal do Recife* no dia 04 de julho:

Iniciativa do ilustre Sr. tenente coronel Dr. José de Miranda Curió, celebra-se hoje, às oito e meia horas da manhã, na matriz de santo Antônio missas comemorativas do sétimo dia do passamento do desditoso general Arthur Oscar. Durante a cerimônia religiosa executarão peças fúnebres as bandas de música dos três batalhões de infantaria do exército estacionados nesta capital. Também na matriz da Boa Vista, reza-se missas hoje, às 8h, por alma do pranteado general, mandadas celebrar pela família do finado coronel Manuel Anselmo pereira Guimarães.

Artur Oscar nascera no dia 03 de maio de 1850 e morreu jovem, ocupando o cargo de intendente geral da guerra e, como afirmamos anteriormente, não conseguiu sua promoção pós-guerra, concedida, geralmente, para comandantes vencedores em campo

de batalha.

Nesse ano de 1903, no mês de outubro, no dia 06, novamente a vitória sobre os conselheiristas foi lembrada. O *Jornal do Recife*, na seção “Gazetilhas”, publicou as comemorações alusivas ao sexto aniversário da batalha decisiva contra Canudos. No período da tarde, no dia 05, houve uma formatura das forças federais e, à noite, “retreta em frente à casa de residência do senhor general Serra Martins, que recebeu muitos cumprimentos, pela brilhante data”. Por sua vez, o *Diário de Pernambuco*, no mesmo dia, praticamente reproduziu a matéria veiculada do concorrente, dando conta das comemorações do sexto aniversário da tomada do reduto de Canudos pelas forças legais.

Depois de 1903, notícias, lembrando a Guerra de Canudos, apareceram nos jornais apenas em 1912. Talvez porque esse foi o ano de outro grande evento social religioso, a Guerra do Contestado, que ocorreu no sul do país. Registramos uma extensa matéria assinada por Euzébio de Souza, sócio correspondente da Sociedade de Geografia e História do Ceará, dedicada ao General Dantas Barreto, por ocasião da divulgação do livro “Destruição de Canudos”, impresso pelo *Jornal do Recife*, onde a vida de Antônio Conselheiro foi retratada.

A síntese retoma um excerto de Euclides da Cunha, já apresentado neste artigo, fazendo uma longa descrição da vida de Antônio Vicente Mendes Maciel, relatando novidades em relação ao líder dos conselheiristas, citando documentos antigos, do ano de 1871, tais como sentenças, certidões e autos de penhoras envolvendo a família dos Macieis. Euzébio de Souza, em sua narrativa, não se afasta dos discursos apresentados anteriormente sobre seu biografado. Repete algumas considerações habituais dos que escreveram sobre Canudos e, especialmente, sobre Conselheiro. Como causa principal da opção em viver como peregrino, o autor apontou sua separação matrimonial:

A sua vida cerca-a de episódios os mais interessantes, de lendas das mais irrisórias, justificativas todos de transformação, que influíra no caráter de **Conselheiro**, mas nenhum fato contribui tanto para o seu desvio, arraigando-se em seu eu, em luta com a barreira que se lhe deparara, após um ‘enlace nefasto’, que a demanda intentada, afrontando-o a sociedade, ele que se sente sempre com energia para rebater as más ações, ‘aparelhado de sentimentos dignos’. (SOUZA apud JORNAL DO RECIFE, 24/07/1912, grifo do autor).

O correspondente, julgando sua informação como valiosa, pois, até aquela data, a vida de Antônio Conselheiro era desconhecida, destaca a sua passagem, como funcionário público, pela terra de nascimento do beato, e traz à tona novas informações para, assim, colaborar, segundo ele, com as já citadas por Euclides da Cunha em seu livro *Os Sertões*:

Quis o destino que estivéssemos de residência temporária na decantada terra do seu nascimento, por força de uma função pública, e ter ainda a suprema ventura de, três lustros após a época em que ele mais refletiu, como chefe

das lutas sangrentas desenroladas nos sertões do estado da Bahia, conhecidas pela guerra de canudos, nas pesquisas de um cartório, encontrar base do ressurgimento do episódio de sua vida, ignorada pelo seu historiadores - uma relíquia que a conservamos ao lado desta monumental obra que despertou mundo intelectual o valor do seu autor - **Os Sertões**. (SOUZA apud JORNAL DO RECIFE, 24/07/1912, grifo do autor).

No *Jornal do Recife* dos dias 18, 26 e 30 de 1912, foram publicadas matérias assinadas por Andrade Bezerra, Arthur Muniz e João Pacífico dos Santos, respectivamente, alusivas ao lançamento do livro do General Dantas Barreto<sup>9</sup>.

O tempo foi passando, e a Guerra de Canudos era lembrada apenas em alguns artigos, que iam sendo publicados sobre temas, que diziam respeito ao sertão, ao sertanejo e ao cangaço. Registramos aqui que, em 1930, ocorreu um conflito, envolvendo a cidade de Princesa na Paraíba, divisa com Pernambuco, região semiárida e sertaneja. O *Diário da Manhã*, no dia 15 de março, ocupou-se do assunto e rememorou Canudos, afirmando: “Desde alguns dias, as tropas paraibanas se aproximaram da cidade que se transforma em um novo Canudos, sob o fanatismo de um tipo remanescente do velho bandoleiro sertanejo”. Princesa e seus defensores eram comparados ao que o jornal nominou de “velho bandoleiro sertanejo”, alimentando o discurso que se repetia a cada evento, que envolvia essa população, que vivia distante do litoral.

Os jornais, enquanto dispositivos do campo das mídias, estabelecem uma tensão de forças e de relações simbólicas com demais campos de saberes e de poderes, aspectos que são ilustrados pelo conjunto de transações realizadas mediante o trabalho simbólico propriamente dito e que se caracteriza pela intervenção daqueles nos processos de rotinas e de construção dos acontecimentos, por parte dos jornais. (FAUSTO NETO, 1999, p. 143).

No mês de junho, mais precisamente no dia 19, o periódico voltou ao assunto, utilizando-se da mesma comparação e com um agravante maior: a indução ao extermínio da população conflagrada.

Nos primeiros anos da República, os jagunços fanáticos de Canudos foram exterminados como inimigos da ordem constitucional, que apenas acabada de ser iniciada. Hoje, entretanto, os cangaceiros de Princesa, iniciam de forma anárquica, a desagregação do regime, despedaçando os laços constitucionais que prendem o município ao estado. (DIÁRIO DA MANHÃ, 19/06/1930).

---

9 Emygídio Dantas Barreto, pernambucano de Bom Conselho, membro da Academia de Letras, participou da Guerra de Canudos no posto de tenente-coronel e registrou suas experiências em três livros: Última Expedição a Canudos, Acidente de Guerra e A Destruição de Canudos. Lembramos que foi governador do Estado de Pernambuco entre os anos de 1911 e 1915.

Registramos ainda que o cangaço e suas representações na imprensa davam margem para essas comparações e ilações. Apesar de ser antigo e remontar ao período anterior à fundação do arraial conselheirista, esse fenômeno ficou conhecido, especialmente, nos primeiros anos do século XX. A quantidade de notícias, artigos, cartas, comentários é extensa, mesmo porque foram mais de três décadas de conflitos. Antônio Silvino e Virgulino Ferreira da Silva, o famoso Lampião, foram os personagens mais citados pelos órgãos de imprensa pernambucano, segundo nossas observações, enquanto registrávamos notícias sobre Canudos.

No *Diário da Manhã*, do dia 14 de agosto de 1930, colhemos uma informação acerca da passagem de Lampião pela Bahia, rememorando, na notícia, o evento fatídico que ocorreu naquele estado entre anos de 1896 e 1897. Para solicitar providências contra o Rei do Cangaço, o articulista utilizou a representação de Conselheiro, afirmando que, por muito menos, Canudos tinha sido liquidado, cabendo ao governo providências necessárias no sentido de banir o banditismo, que campeava o sertão:

Por muito menos, em 1896, - por causa de um paranoico, de mania religiosa, e que só se tornou maléfico, quando o provocaram, roubando-lhe as madeiras que havia comprado ou contratado em Juazeiro, para a igreja de Canudos – por muito menos repito, por causa do infeliz Antônio Conselheiro, que a ninguém matava, nem roubada, nem estuprava, mas tornava-se infenso à ordem social, o conselheiro Luiz Vianna requisitou e obteve intervenção federal, para, com seguro êxito, extinguir aquele foco de rebeldia.

Em abril de 1934, o *Diário da Manhã* publicou uma matéria sob o título “A Campanha de Conselheiro” de autoria de Jayme D’Altavila. O artigo foi motivado a partir da leitura da obra do capitão João da Costa Palmeira *A Campanha do Conselheiro*. Para D’Altavila, a obra não seguiu a estrutura euclidiana “com as suas escarpas, os seus serrotes, os seus caminhos marcados pelos chique-chiques e pelos mandacarus. Também não houve a preocupação de um estudo da alma sertaneja, como todos os seus vícios e com todas as suas virtudes”.

Para o autor do artigo, o que se destacou na obra foi a defesa da segunda expedição contra Canudos comandada por Febrônio de Brito, repelida pelos conselheiristas, tendo seu comandante de enfrentar um Conselho de Justiça Militar, que não tinha compreendido os primeiros momentos e a causa da derrota inevitável. Para ele, “ninguém resistiria àquele encontro inicial com os fanáticos de Conselheiro, senhores do terreno e armados com toda a precisão.” Outras expedições foram organizadas, e generais, coronéis, majores, tenentes, ficaram estendidos pela caatinga junto aos corpos dos soldados das forças policiais e dos batalhões de linha. Segundo o autor do artigo, a religião era a principal motivadora da luta:

Antônio Conselheiro falava em nome de Deus e profligava a República, apoiando-se nas primeiras vacilações e erros do regime que se instituíra a 15 de novembro de 1889. Demais, a República desoficializará a religião católica e era na defesa da fé que ele insurgia os jagunços contra as novas instituições. (DIÁRIO DA MANHÃ, 21/04/1934).

O artigo seguiu fazendo comparação com outra obra lida sobre a ocupação do território das missões e afirma que, se o tratamento tivesse sido o mesmo com os povos daqueles territórios, os limites do Brasil iriam até o Rio Prata. Apesar de não ser um artigo com muita consubstancialidade, Canudos e Conselheiro voltaram a ser lembrados pela imprensa pernambucana naquela narrativa.

Ainda abordando o cangaço com suas transversalidades, o mesmo jornal, no final de 1934, teceu comentários sobre uma declaração de voto do deputado José de Sá a um projeto de combate ao cangaceirismo. O jornalista do *Diário da Manhã*, passados muitos anos do evento no sertão, continuava com a mesma representação de que esses fenômenos ocorriam no interior por causa do isolamento da população:

O autor [deputado] parece aduz, a seguir, considerações de uma nitidez e eloquência que pintam ao vivo a quadra da tragédia sertaneja dominada pelo desgraçado episódio de Canudos, fonte dos maiores sacrifícios coroados pela repressão conjunta das polícias estaduais e tropa do exército – efeito de múltiplas causas; o analfabetismo, a ignorância, a superstição e a exploração política estúpida manobrada em certas regiões quase isoladas do convívio civilizado. (DIÁRIO DA MANHÃ, 05/12/1934).

Esse assunto voltou à tona em janeiro de 1935, pelo mesmo jornal, e, mais uma vez, a lembrança de Canudos estava presente na narrativa do jornalista, que afirmava que o banditismo não era a causa do evento e, sim, sua consequência:

Canudos não foi mais do que a explosão desse banditismo tolerado ou amparado em dezenas de localidades, e que se entrincheirou, afinal, em uma tapera baiana para de lá desafiar e afrontar não só as polícias estaduais, como o próprio Exército Nacional. Arrasado e destruído Canudos, o mal não se extinguiu. O banditismo não era a causa; era o efeito. Efeito do analfabetismo, da ignorância, da superstição e da exploração de uma política estúpida manobrada em certas regiões quase isoladas do convívio civilizador. (DIÁRIO DA MANHÃ, 15/01/1935).

O mal não tinha se extinguido, e Canudos continuava nas ações do Cangaço, segundo o articulista. A análise seguia a mesma verve da sociologia dominante, quando nominava as causas do fenômeno ocorrido no sertão: analfabetismo, superstição e exploração. O texto de Otacílio Nóbrega de Queiroz, sob título bastante sugestivo:

“Antônio Conselheiro ainda voltará!”, publicado pelo *Diário de Pernambuco* em outubro de 1936, rememora o conflito sertanejo.

Canudos era, no entanto, um pugilo de fanáticos, de ingênuos tabaréus, completamente divorciados dos costumes pseudocivilizados do litoral. Constituíram uma sociedade *sui generis*, qual caracteres eminentemente retrógados, à semelhança da idade média. Isolados na imensidão de terras do interior do país, desgarraram-se dos litorâneos e, por esse motivo, faltaram liames necessários que os pusessem ao contato dos civilizados. (QUEIROZ apud DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 29/10/1936).

A mesma representação, que fora construída exaustivamente no passado, tornava-se presentificada neste artigo de Queiroz. Parte do seu texto lembrou muito a defesa que os articulistas do *Gazeta da Tarde* fizeram do general Arthur Oscar quando foram denunciadas as degolas no teatro das operações da quarta expedição, em novembro de 1897. À época, para defender o comandante em chefe, eles chegaram a afirmar que contra feras não tinha outra saída que não a faca.

E, assim, surgiram, de chofre, em fins do século XIX, no placo da história do Brasil. **Eram fanáticos necessitados de extermínio.** Nada de escolas ou de gradativa infiltração dos costumes da borda do mar. **A bala, sim, sem a mínima contemplação, representava o meio próprio de aniquilar o cancro.** Eram possivelmente tardios, monarquistas, desejosos do restaurar a velha ordem de cousas. **Portanto, o extermínio sem tergiversações.** (QUEIROZ apud DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 29/10/1936, grifos nossos).

O artigo trouxe também informações acerca da cidade de Canudos, pois, em passagem por Recife, por essa época, Isaias Ferreira Canário, chefe político da localidade sertaneja, foi entrevistado pelo autor desse texto que estamos analisando. Uma pergunta ao chefe político, sugestiva à opinião pública, dizia respeito ao que restou de Canudos:

Do arruamento antigo nada nos resta. Apenas escombros das 5.000 casas destruídas pela soldadesca. Um velho e solitário cruzeiro, crivado de balas, em frente as ruínas da igreja, continua intacto. Velhas *manulichers*, granadas e balas e partes das peças de artilharia da coluna Moreira César. Também se achou há tempo, enterrada no centro dos escombros da Igreja nova, uma pedra redonda envolvida em papeis dourados. (QUEIROZ apud DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 29/10/1936).

As expressões “velho e solitário cruzeiro, crivado de balas”, determinam um sentido para a narrativa, que foi construída acerca da destruição da cidadela. “Todas estas características inerentes ao discurso jornalístico permitem considerar os processos comunicacionais como mediadores e mobilizadores da realidade (histórica) cotidiana,

produzindo sentidos sobre os fatos e tematizando aspectos contextuais de uma determinada época e ambiente social”. (WOITOWICZ, 2015, p. 146). Ali, estava o retrato da Canudos antiga, destruída pelas balas, mas ressuscitada na memória do artigo em questão.

Na entrevista que o autor do artigo fez com o chefe político da cidadela, finalmente, soubemos se Antônio Conselheiro voltaria, conforme o *lead* da informação:

Muitos habitantes de Canudos naturalmente os mais rotineiros, são de opinião que o Conselheiro ainda existe e que voltará. Mais cedo ou mais tarde ele voltará. Há um ano, mais ou menos, morreu em Canudos uma velha chamada Josepha Guerra. Essa mulher era talvez a mais fervorosa das crentes na existência do retorno de Antônio Conselheiro. Morreu com sua fé inabalável. (QUEIROZ apud DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 29/10/1936).

E nem precisava voltar, pois o Conselheiro estava vivo nos velhos guerrilheiros, ainda em convivência como aquela realidade atual e recordados pelo chefe político de Canudos na entrevista que dera: “Ainda vivem o celebre Pedrão, Manoel Cyriaco de Santanna, Possidônio Ferreira Campos e José Cyriaco dos Santos.” Canudos, portanto, renascia nas palavras do seu chefe político:

Canudos atualmente renasce com algumas casas. É um simples povoado, quando poderia ser uma grande cidade do interior baiano. Possui uma escola criada pelo governador Juracy Magalhães e o banditismo graças ainda ao atual governo, desapareceu de minha terra, acentua o chefe sertanejo. (QUEIROZ apud DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 29/10/1936)

Aquela cidadela do sertão baiano, quase quarenta anos depois, tinha uma escola, que novidade! Talvez, a população fosse “salva” da superstição, fenômeno tão abordado pelos jornalistas de então, que tinham como alternativa à presente situação: a construção de educandários no sertão. É bom lembrar que estamos em pleno século XXI e muitos municípios, tais como Canudos, contam com poucas escolas de Ensino Médio<sup>10</sup>. E, sobre a religiosidade popular, continua viva, representada pelos diversos movimentos religiosos, sem a interferência da Igreja Oficial.

Em 1938, no auge da guerra entre cangaceiros e governos estaduais, o *Diário da Manhã* transcreveu uma notícia publicada no jornal *Diário da Tarde* também de Pernambuco, intitulada “Sertão”. Apesar da informação não se tratar de combates contra Virgulino Ferreira da Silva, diz respeito à destruição do ajuntamento de Pau de Colher na Bahia, confundido na reportagem com o Sítio Caldeirão no Ceará. A notícia rememora

---

10 Com uma população, pelos dados do IBGE de 16.753 pessoas, estimada em 2020, Canudos tem apenas 11 escolas de Ensino Fundamental e 01 escola de Ensino Médio. Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/canudos/panoramab>

os eventos de Canudos e a sua tônica não fica muito distante do artigo anterior que analisamos. Mais uma vez, o discurso se repetia quando eram apontadas as causas desse tipo de movimento:

É um triste caso como esse que serve para tornar mais enfática a necessidade de uma penetração mais rápida na zona sertaneja, de uma articulação desta com o litoral, em ordem a evitar, nessas capas inferiores da sociedade, a ação nefasta de certos agentes perturbadores que encontram na ignorância das massas, ambiente propício para a formação de núcleos perigosos de desordem, como aconteceu em Canudos, agora nas margens do São Francisco, sem falar nas ‘razias’ do banditismo nômade, que se repetem com alarmante frequência. (DIÁRIO DA MANHÃ, 26/01/1938).

A relação litoral x sertão se repete no discurso, sendo este último espaço de lugar das “capas inferiores” da sociedade. Um dizer repetido por dezenas de anos. “O papel fundamental da imprensa na projeção de imagens do sertanejo – e do conflito de modo geral – revela a relação de constituição mútua entre a história e a prática discursiva, caminhando para a produção de um imaginário adequado em uma determinação histórica”. (WOITOWICZ, 2015, p. 93).

Passados cinquenta anos do massacre no sertão, o *Diário da Manhã* lembrou da data, fazendo menção à revista *O Cruzeiro* do Rio de Janeiro, que fez uma reportagem sobre o tema. Para os jornalistas desta folha, “a data passou despercebida entre nós e a poeira da História já recobre as pegadas dos rudes heróis, apagando-lhes os nomes da nossa memória solicitada por mil problemas novos”. (DIÁRIO DA MANHÃ, 06/08/1947).

Para o jornalista do *Diário da Manhã*, era uma temeridade reescrever a história de Canudos como desejava Austregésilo de Ataíde, depois da pena de Euclides da Cunha, que tinha revelado a existência de uma civilização marginal no interior do Brasil e que deveria ser uma luz a guiar os passos do pensador social do país. O articulista chegou a reconhecer as pesquisas de Gilberto Freire sobre o interior do país, mas Canudos, segundo sua opinião, ainda necessitava de outros olhares que não permanecessem na antinomia litoral-sertão. Entretanto, como percebemos, não havia novidade na interpretação, tendo o jornalista recorrido às obras de Pedro Calmo, que discorria sobre choques oriundos do determinismo geográfico ou, até mesmo, da dualidade mesológica, explicando, dessa forma, a formação de mais de um Brasil. Ou seja, a antiga explicação de que a pessoa era produto do meio estava sendo utilizada para tentar implementar “outros olhares” sobre a guerra sertaneja. De fato, nada de novo na narrativa apresentada.

A matéria seguiu afirmando que a velha fórmula clássica étnica do Brasil luso-índio-negro não teria mais justificativa para explicar as ambiguidades das regiões. O próprio Josué de Castro demonstrara que essa categoria já tinha mais valor e não deveria

ser levada em consideração nas análises sobre as diferenças entre as populações do litoral e do sertão, afirmou o articulista.

Canudos surgiu fatalmente, fruto de condições específicas, como ‘uma rocha que se levante no destino inexorável da sublevação’. E que essas condições não são típicas de nenhuma região geográfica e sim de fatores deformantes da nossa cultura, vemos nas psicoses místicas que assaltam nossas populações metropolitanas, fazendo a glória de charlatães religiosos e sub-messias políticos. Os nossos pensadores sociais e os nossos homens de governo debruçam-se sobre as ossadas calcinadas da Tróia sertaneja. A lição de Canudos ainda não foi esgotada. (DIÁRIO DA MANHÃ, 06/08/1947).

Pela primeira vez, depois de cinquenta anos, vimos um órgão de imprensa apontar outros olhares para os motivos que desencadearam a Guerra de Canudos. Aquele evento continuou a falar para o Brasil e pedir outras explicações que se afastassem da “visão total” impregnada pela leitura euclidiana.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Quando elaboramos a nossa Tese de Doutorado, já que estávamos analisando outros movimentos sociais religiosos que ocorreram entre 1900 e 1940, resolvemos verificar o pós-Canudos, num recorte de cinquenta anos após o conflito. Não foi nosso objetivo fazer uma análise de longa duração e perceber se houve mudanças significativas na narrativa. Porém, pudemos acompanhar meio século, já que os eventos analisados para a composição da tese transcorreram até o final dos anos 30 do século XX. Ressaltamos que não traçamos uma linha entre lembrança e esquecimento, comum nas narrativas de eventos que têm fins traumáticos. Outras investigações podem preencher essa lacuna não almejada neste artigo.

Todavia, foi importante, para nossas observações, verificar como Canudos foi comemorado e rememorado. Lima (2012) afirma que a comemoração é mais do que uma estratégia para inventariar ou atualizar o passado. O passado tornando-se presente. O que motivava a imprensa a trazer de volta a memória de Canudos? Denunciar os assassinatos cometidos pelas forças legais ou enaltecer a força coercitiva do Estado? Como a imprensa tem lado, tem cor e tem classe, os algozes das lutas foram os sertanejos. A rememoração serviu a um *status quo* dominante e não, como afirma Ricoeur (2007), a um retorno à consciência despertada de um acontecimento reconhecido. “A marca temporal do antes constitui, assim, o traço distintivo da recordação, sob a dupla forma da evocação simples e do reconhecimento que conclui o processo de recordação (RICOEUR, 2007, p. 73).” A rememoração não denunciou e nem foram construídos libelos contra os verdadeiros algozes da população exterminada.

Neste artigo em que destacamos a rememoração do acontecimento, percebemos como foi importante a obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha. Em tempos recentes, o livro não seria considerado um aporte histórico, devido estar mais para uma obra literária do que histórica. Porém, as novas tendências, incluindo a História Cultural, permitem outro olhar, determinado pelas considerações perpassadas na interconexão entre História e Literatura, configurando-se como obra importante na análise sobre a Guerra de Canudos. Euclides não foi, em nossa dissertação sobre a narrativa de Canudos, referencial bibliográfico básico, como tem sido na vasta literatura sobre o conflito sertanejo. Mas a sua presença, no pós-fato, é inegável. Do lançamento da obra à sua morte trágica, ele foi uma presença constante na imprensa pernambucana. Recife era local de passagem para o Norte, lugar onde também Euclides fez História. Rememorar Canudos registrando sua passagem na capital pernambucana, foi uma estratégia utilizada pela imprensa e trazida para nossa investigação. Por isso, dedicamos algumas páginas sobre ele, pois, como diz Orlandi (1998, p. 39), “a memória, o domínio do saber, os outros dizerem já ditos ou possíveis que garantem a formulação (presentificação) do dizer, sua sustentação.” Cunha foi para a imprensa de Pernambuco uma garantia à sustentação de um discurso sobre Canudos. Porém, não devemos esquecer, que a imprensa nos cinquenta anos pesquisados, não conseguiu superar as narrativas baseadas nas teorias raciais do século XIX. Euclides da Cunha e essas teorias deram a tônica das lembranças e memórias sobre Canudos. Felizmente, a segunda metade do século XX, trouxe à tona um olhar diferenciado sobre o conflito no Sertão. Ainda há muito a compreender, narrar e pesquisar!

## **FONTES**

A PROVÍNCIA. Recife, 17 de junho de 1903.

\_\_\_\_\_. Telegrammas. Recife, 17 de agosto de 1909.

\_\_\_\_\_. Telegrammas. Recife, 18 de agosto de 1909.

CANUDOS. A Cidade. Recife, 05 de outubro de 1898.

CRÔNICA. A Província. Recife, 01 de fevereiro de 1903.

DIÁRIO DA MANHÃ. Recife, 19 de junho de 1930

\_\_\_\_\_. Lampião na Bahia. Recife, 14 de agosto de 1930.

\_\_\_\_\_. A Campanha de Conselheiro. Recife, 21 de abril de 1934.

\_\_\_\_\_. Recife, 05 de dezembro de 1934.

\_\_\_\_\_. Recife, 15 de janeiro de 1935.

\_\_\_\_\_. Sertão. Recife, 26 de janeiro de 1938.

\_\_\_\_\_. Itinerário. Recife, 06 de agosto de 1947.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 17 de dezembro de 1905.

\_\_\_\_\_. Recife, 20 de dezembro de 1905.

\_\_\_\_\_. Telegramas. Euclides da Cunha. Recife, 17 de agosto de 1909.

\_\_\_\_\_. Desaparecidos. Recife, 01 de julho de 1903.

FATOS diversos. A vitória de Canudos. Gazeta da Tarde. Recife, 05 de outubro de 1898.

\_\_\_\_\_. Gazeta da Tarde. Recife, 04 de março de 1898.

\_\_\_\_\_. Gazeta da Tarde. Recife, 06 de outubro de 1898.

GAZETA DA TARDE. Recife, 04 de março de 1897.

JORNAL DO RECIFE. Telegramma. Recife, 17 de agosto de 1909.

\_\_\_\_\_. Telegrammas. Recife, 01 de julho de 1903.

\_\_\_\_\_. Gazetilhas. Recife, 04 de julho de 1903.

OS SERTÕES. A Província. Recife, 01 de março de 1903.

OS SERTÕES. Diário de Pernambuco. Recife, 24 de dezembro de 1902.

RECIFE DECADENTE. A Província. Recife, 26 de janeiro de 1906.

REVISTA Diária. A vitória de Canudos. Diário de Pernambuco. Recife, 06 de outubro de 1898.

\_\_\_\_\_. Diário de Pernambuco. Recife, 05 e 06 de outubro de 1899.

SOUZA, Euzébio de. Antônio Conselheiro. Em juízo. In: JORNAL DO RECIFE. Recife, 27 de julho de 1912.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALMEIDA, Moisés Diniz de. **Acalmar, intrigar e Persuadir: As lutas partidárias e as representações moderadas e sensacionalistas sobre a Guerra de Canudos na Imprensa de Pernambuco.** Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Pernambuco. Recife, 2001.

\_\_\_\_\_. **Canudos e a derrota dos jacobinos.** Perspectivas Latinoamericanas, v.01, n. 03, Centro de Estudios Latinoamericanos, Universidad Nanzan, Nagoya, Japón, 2006, p. 145-160.

\_\_\_\_\_. **Os primeiros anos da República Brasileira e sua conturbada estabilização: militares, civis e monarquistas.** Perspectivas Latinoamericanas, n. 01, Centro de Estudios Latinoamericanos, Universidad Nanzan, Nagoya, Japón, 2004, p. 193-206.

CUNHA, E. **Os Sertões.** Ed. Didática preparada pelo prof. Alfredo Bosi, cotejo e estabelecimento de texto pelo prof. Hersílio Ângelo. 2. ed. São Paulo: Cultrix; Brasília, 1975.

\_\_\_\_\_. **Canudos e outros temas.** Brasília: Senado Federal, subsecretaria de Edições Técnicas: Casa de Pernambuco. 1994.

CUNHA, Euclides. Excerpto de um livro inédito de Euclides da Cunha. Diário de Pernambuco. Recife, 15 de fevereiro de 1898.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

FAUSTO NETO. A. **Comunicação e Mídia Impressa: um estudo sobre a Aids.** São Paulo: Hacker Editores, 1999.

LIMA, Lidiane Santos de. **A Campanha de Canudos nos jornais**. In: Intercon – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, UERJ, 5 a 9 de setembro de 2005,

ORLANDI, Eni P. **As formas do Silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

QUEIROZ, Otacílio Nóbrega de. Diário de Pernambuco. 29 de outubro de 1936.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas-SP: Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. **História e Verdade**. Rio de Janeiro: Forense, 1968.

RIBEIRO, Fabrício Leonardo. **Cartas da Selva: Algumas impressões de Euclides da Cunha acerca da Amazônia**. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 44, p. 147-162, 2006. Editora UFPR.

WOITOWICZ, Karina Jans. **Imagem contestada: a Guerra do Contestado pela escrita do Diário da Tarde (1912-1916)**. Ponta Grossa: UEPG, 2015. 327 p.